

Jocelito Zalla, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O fantasma platino ou A invenção do inimigo: historiografia tradicional e batalhas de memória no sul do Brasil

Desde a produção dos primeiros ensaios históricos na fronteira sul do Brasil, no século XIX, deu-se atenção às trocas culturais da então província e atual estado do Rio Grande do Sul com a região hispânica do Rio da Prata. No entanto, com o advento do regime republicano, uma historiografia tradicional nacionalista passou a negar esses vínculos para melhor afirmar o pertencimento da unidade sulina à federação brasileira. Tudo se passa como se o antigo patrulhamento militar, uma vez terminados os conflitos com os países vizinhos, fosse sucedido pelo monitoramento simbólico da fronteira. Na década de 1950, a redefinição do campo cultural no país levou à retomada dos assuntos regionais na escrita da história, com novos embates a respeito das matrizes portuguesa ou espanhola da cultura local. Em trabalho já clássico, Ieda Gutfreind (1980) dividiu essa produção em duas correntes historiográficas: os lusitanistas e os platinistas. Neste trabalho, pretendo revisar a classificação a partir de uma sociologia das lutas políticas do campo. Proponho, assim, que o “platinismo” foi, na verdade, uma invenção da vertente republicana ortodoxa dominante, chamada mais tarde de lusitana, para combater historiadores dissidentes: um inimigo intelectual interno construído a partir do histórico de lutas externas.